

América transgredida?

Num momento da história social, cultural e política em que a produção de discursos sobre igualdade, participação cívica, cidadania e diferença está no centro dos debates colectivos, urge reflectir, educativamente, sobre o lugar que a sexualidade, e a sua vivência e expressão plurais, tem vindo aí a ocupar. O "Transamerica", o conhecido filme de Duncan Tucker de 2005, não é um filme *sobre sexualidade*, em sentido restrito, e isto se estivermos a pensar e a falar de um conceito de sexualidade que geralmente é associado ao de procriação ou ao de conjugalidade. Neste filme, a questão da sexualidade tem mais que ver com os vários e distintos processos de construção do *self*, sendo por isso um fenómeno que participa na subjectivação da identidade pessoal, social, sexual e de género. Por outras palavras, o sujeito não se relaciona sexualmente sem dar sentido aos seus actos e estes são construídos culturalmente, quem o diz é Michel Bozon (2002). Há portanto um carácter de mutabilidade cultural, histórica e social subjacente à sexualidade humana e o argumento do "Transamerica", apesar do já cansativo enredo hollywoodesco, permite justamente analisá-lo com algum grau de profundidade.

O filme assalta-nos com a apresentação e a produção de um corpo, disfarçado ainda, obrigado à máscara mas a querer ser visível: afinal quais são as oportunidades de relação com um corpo escondido? O investimento sobre si próprio, sobre o corpo de si e para-si, recorrendo à expressão de Sarte, e que a personagem central do filme nos mostra, é como se nos estivesse a dizer: eu sou o meu corpo, sou este investimento, esta invenção a que me sujeito para ser no mundo, para me identificar e ser identificado. O "Transamerica" é por isso um filme com ligeiros recortes biográficos? conta a história de uma transsexual onde as questões da sua relação com um filho se impõem? porque trata do modo como uma pessoa singular enfrenta as suas situações de vida, mais ou menos complexas, a respeito da construção de um percurso identitário. Importa por isso situarmo-nos numa concepção alargada e subjectiva de sexualidade, ao mesmo tempo que a encaramos como uma trajectória de vida, sempre diferenciada, de expressões diversas e também com finalidades de diferente ordem. Ao entendermos a sexualidade enquanto trajectória de vida, estamos a admitir que se trata de um fenómeno que é vivido em diálogo com os contextos pessoais, sociais e institucionais onde a acção humana tem lugar e onde, precisamente a partir da acção, diferentes relações afectivas com esses contextos são distintamente expressivas de pessoas e de grupos sociais. O conceito de trajectória de vida, de acordo com o sociólogo Machado Pais (2001) inclui o conceito de vida familiar, o de vida escolar, o de vida profissional, etc. A cada uma destas esferas de vida podemos remeter distintos feixes de trajectórias, embora conectados entre si. Pode-se deste modo considerar que nenhum «feixe» da existência humana é construído isoladamente. A vida sexual, a sexualidade humana é, em termos globais, um processo de desenvolvimento da identidade pessoal e social, através do qual cada um de nós se reconhece no que pensa, no que faz, no que sente, no que deseja e procura.

A visualização do filme "Transamerica", enquanto dispositivo pedagógico, permite-nos ainda reflectir numa concepção de *corpo social* que ultrapassa, grandemente, a sua concepção de raiz biológica. Permite-nos além disso observar em que sentido o corpo, por ser lugar social, é produtor de autonomia e de agência crítica. Bree, a personagem principal do filme, pergunta num dos momentos da história: "*E lá por eu estar a fazer alterações no meu corpo, isso não me dá o direito de pertencer a uma igreja?*". O corpo é uma realidade multidimensional e é uma componente inseparável do *self*, do si-mesmo, que produz e que procura produzir autonomia individual. Querendo ou não, sendo mais ou menos explícito, este filme afasta-se de concepções naturalizadas de sexualidade e, só e apenas por isso, pode tornar-se interessante vê-lo. Não estaremos, certamente, em face de uma obra artisticamente marcante, mas haverá críticos que melhor poderão ajuizá-lo nesse sentido. De qualquer modo, e porque procura encarar os processos de construção da identidade (sexual e de género) como processos de relação social construídos no âmbito de uma história e de uma cultura, é um filme que questiona as concepções de norma e de desvio que historicamente têm vindo a definir a sexualidade enquanto discurso, regra e prática. É faz este tipo de abordagem a partir do conflito que é, para alguém, construir e definir uma identidade pessoal na superação de determinismos biológicos: torna-se, por isso, claro que a questão da sexualidade e, particularmente, da identidade do sujeito, também precisam de ser perspectivadas enquanto direitos pessoais, sociais e políticos. Assim sendo, e numa altura em que as sociedades ainda reproduzem modelos sacralizados de corpo e de sexualidade, pode valer a pena interrogarmos a ética discursiva que sobre estes aspectos temos vindo a produzir e o lugar para onde, realmente, a queremos levar no futuro.

Bibliografia:

- Pais, José Machado (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar
- Bozon, Michel (2002) *Sociologie de la sexualité*. Paris: Nathan